

OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO TREINADOR DE NATAÇÃO PURA – A INFLUÊNCIA DA EXPERIÊNCIA

Louro, H.^{1,2}, Amâncio, A.¹; Conceição, A.¹; Matos, T.¹; Rodrigues, J.^{1,2}

¹ *Escola Superior de Desporto de Rio Maior, Instituto Politécnico de Santarém, Portugal*

^{1,2} *CIDESD- Centro de Investigação de Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano*



RESUMO:

O treinador e os atletas são elementos fulcrais no processo de interação que possibilita a obtenção de sucesso nas competições. Durante os treinos, cabe ao treinador proporcionar aos seus atletas todos os meios que lhes permitam atingir o máximo rendimento durante a competição. Assim, o treino irá sofrer modificações em função de determinados factores originando distintos valores para as principais funções pedagógicas do treinador, o que nos levaria a considerar que a instrução, a organização, o controlo, a interação podem ser diferentes, se nos referimos a equipas de nível diferente, se os treinadores apresentarem formação diversificada, se os treinos possuírem objectivos diferentes, etc..

Deste modo, a procura do sucesso desportivo está dependente, além dos factores acima referidos, de factores que estão relacionados com o treinador e com os próprios atletas. As características do treinador, a sua formação e experiência, as qualidades dos atletas, físicas, técnica, psicológicas, etc., o contexto organizacional dos clubes e das federações desportivas, e ainda, os objectivos que se perseguem são determinantes do sucesso desportivo e consequentemente da relação pedagógica em Desporto. Partindo deste pressuposto, o nosso trabalho desenrola-se numa investigação que nos leva a debatermos sobre os principais comportamentos observáveis do treinador de natação pura. Averiguando, se o comportamento poderá ser influenciado (e/ou diferente) pelo nível de experiência dos treinadores, pelo que iremos comparar o comportamento de treinadores com experiência em natação pura com o comportamento de treinadores sem experiência em natação pura.

ABSTRACT:

The coaches and athletes are the key elements in the process of interaction that enables the achievement of success in competitions. During the training, the coach provides its athletes all ways to achieve the maximum performance during the competition. Thus, the training will suffer changes due to certain factors causing different values for the main functions of teaching coach, which would lead us to believe that the instruction, organization, control, interaction may be different, if we refer to teams of different level, if the coaches have diverse training, if the training have different goals, etc. ...

Thus, the search of sporting success is, besides the above factors, the factors that are related to the coach and the athletes themselves. The characteristics of the coach, his training and experience, the qualities of athletes, physical, technical, psychological, etc., The organizational context of the club and the sports federations, and, pursuing the objectives that are crucial to success and therefore sports the pedagogical relationship in Sport. Under this assumption, our work is based on research that leads us to discuss us on the main coach of the observable behavior of swimming. Examined if the behavior can be influenced (and / or different) by the level of experience of the coaches, we will compare the behavior of coaches with experience in swimming with the behavior of coaches with experience in swimming.

INTRODUÇÃO

A investigação no âmbito da pedagogia do desporto, mais propriamente no processo de treino desportivo, tem registado uma evolução nos últimos anos, embora muito se encontre por investigar. Assim, existe a necessidade de progressiva de contribuir para a investigação nesta área através da descrição, análise e caracterização da actividade pedagógica do treinador de natação em situação de treino.

A hipótese que este estudo apresenta é verificar se existem diferenças no comportamento do treinador em função da experiência profissional. Vamos procurar dar resposta a esta e outras questões que vão aparecendo neste estudo, com o apoio da revisão da literatura.

Apesar de o treinador ser responsável pela condução da equipa no treino e competição, a observação do seu comportamento e da sua interacção com os atletas também se revela muito importante.

Nos estudos efectuados sobre os treinadores, podemos verificar que existe alguma variedade na investigação já realizada, permitindo-nos ter acesso a dados sobre o perfil comportamental ou à análise mais detalhada de qualquer particularidade do seu comportamento, ou ainda à influência que determinadas variáveis podem exercer no comportamento dos treinadores.

O comportamento do treinador durante o treino vai estar condicionado pelas decisões pré-interactivas mas, sempre sujeito, como diz Lyle (2002), à “imprevisibilidade do treino”. Após o treino, a preocupação do treinador irá centrar-se sobre as decisões pós-interactivas que vão, consequentemente, influenciar as decisões pré-interactivas do treino ou competição seguintes e assim sucessivamente.

Mas porquê descrever, analisar e caracterizar a actividade pedagógica do treinador? Esta questão tem a levado à realização de diversas investigações (Rodrigues & Ferreira, 1995; Rodrigues, Rosado, Sarmento, Ferreira & Leça-Veiga, 1993; Alves, Ferreira, Leça-Veiga & Rodrigues, 1994; Segrave & Ciancio, 1990; Tharp & Gallimore, 1976), sendo que um dos paradigmas mais utilizados no estudo dos treinadores tem sido o paradigma dos “treinadores de sucesso”, tendo sido efectuados vários estudos em diferentes modalidades, na situação de treino, de modo a verificar esta diferença na “qualificação” do treinador.

PARADIGMAS DA PESQUISA EM DESPORTO

Segundo Piéron (1993), a investigação científica realizada na Educação Física advém dos modelos de investigação utilizados na pedagogia geral. Rodrigues, Sarmento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira (1999) afirma que “a aplicação dos paradigmas da pesquisa da Pedagogia Geral, à análise do ensino da Educação Física, poderá ser benéfica pois enquadra devidamente o pensamento científico e sistémico relativamente às principais variáveis que são típicas do processo de ensino referido.”

Tal como foi benéfica, a aplicação dos modelos de pesquisa da Pedagogia Geral à análise do ensino em Educação Física, também assim o poderemos considerar, quando se trata de aplicar os modelos anteriores ao processo de treino em desporto, sofrendo as necessárias adaptações à realidade que se pretende estudar com particularidades totalmente distintas do ensino em Educação Física.

Seguindo a lógica da investigação em Pedagogia do Desporto, podemos encontrar facilmente particularidades que necessitam da referida adaptação do ensino da Educação Física ao processo de treino (Rodrigues, Sarmento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira & Moreira, 1999).

ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO DOS TREINADORES

A formação (académica superior) em Educação Física e Desporto, e a habilitação técnica e desportiva, podem permitir um desenvolvimento de um conjunto alargado de conhecimentos e de competências cognitivas, que se podem transferir positivamente, para a intervenção pedagógica do treinador (Sarmento, 1987; Rosado, 1988).

A formação inicial, a experiência profissional, as características pessoais do treinador são capazes de exercer influência no treino e nos seus efeitos (Rodrigues, 1996).

Para Sarmento, Rosado & Rodrigues (2000), o conhecimento das suas próprias capacidades, constitui um passo decisivo para que os treinadores possam demonstrar essas mesmas capacidades. O treino é um processo relacional muito complexo, assim sendo, a valorização de algumas capacidades pode indicar o sentido do envolvimento dos treinadores, bem como provocar influências na concepção dos programas de formação.

De acordo com Rodrigues (1997) e Salmela (1996), na formação do treinador estão ligados as suas práticas profissionais e têm implicação nas suas próprias capacidades, que são adquiridas através de processos de formação criteriosos e de experiências profissionais efectivas e reflexivas.

O estudo de Arena (1979) citado por Rodrigues (1989) que registou diferenças entre professores mestres, os licenciados sem experiência e os que não têm habilitação superior, no que se refere ao feedback pedagógico.

Neste estudo, foi registado uma maior frequência do feedback de avaliação nos docentes mais experientes. Estes professores, utilizam mais o feedback dirigido ao grupo que os docentes licenciados e os que não têm habilitação superior.

O estudo de Rushall & Smith (1979) citado por Rodrigues (1995), centrou-se sobre a modificação da qualidade e quantidade das intervenções de um treinador de natação.

Os resultados evidenciaram um aumento dos encorajamentos e do feedback. A qualidade da intervenção melhorou substancialmente devido à diversificação das expressões.

Os resultados obtidos pela investigação são unânimes em considerar que a supervisão pedagógica tem efeitos benéficos e positivos nas competências dos treinadores (Rodrigues, 1995).

A capacidade de utilização e manipulação das técnicas e estratégias pedagógicas pode fornecer ao treinador os skills necessários para a gestão dos atletas e dos grupos em treino e competição (Rodrigues, 1995).

COMPORTAMENTO DO TREINADOR

O paradigma dos “treinadores de sucesso” tem sido, como já foi referido anteriormente, um dos mais utilizados na investigação centrada no comportamento do treinador no treino.

Um dos estudos que é normalmente muito referenciado neste domínio, foi realizado por Tharp & Gallimore (1976) citado por Rodrigues (1995) que analisaram um treinador de sucesso, John Wooden, conceituado treinador de basquetebol da U.C.L.A. (Universidade de Califórnia em Los Angeles). A observação efectuou-se na época de 1974/75 durante 15 sessões de treino. Os resultados deste estudo, mostraram valores elevados para os comportamentos de Instrução (50,3%), Pressão (12,7%) e Reprimenda- Reinstrução (8,0%).

Este estudo foi pioneiro na observação do comportamento do treinador e na identificação das suas principais funções pedagógicas. A partir deste trabalho tornou-se necessário diversificar a pesquisa ao nível das diversas modalidades desportivas, níveis de competição e escalões etários diferenciados e uma necessidade de aplicar este sistema de análise a outros treinadores, para uma melhor caracterização do comportamento do treinador. Utilizando o mesmo sistema de análise de Tharp & Gallimore (1976), Williams (1978) citado por Rodrigues (1995) estudou um treinador de basquetebol, com sucesso, no campeonato escolar (“High School”) verificando que 40% dos comportamentos eram dedicados à Instrução.

Também Langsdorf (1979) citado por Rodrigues (1995) com o mesmo sistema de análise, estudou o comportamento de um treinador de futebol americano de alto nível, Frank Kush, durante 18 sessões de treino. Os resultados mostraram um valor para a Instrução de 36% e para a categoria de Reprimenda- Reinstrução 12%.

Os estudos efectuados com este sistema de análise não apresentam uma grande consistência, resumindo-se a sua existência fundamentalmente à abordagem de 2 modalidades (Futebol Americano e Basquetebol), (Alves, 1998).

A análise do comportamento dos treinadores de várias modalidades, assim como a identificação de eventuais diferenças entre os treinadores com base na experiência e no sucesso, foram os principais objectivos de estudo de Sherman & Hassan (1996). A amostra foi constituída por 102 treinadores de 3 modalidades (beisebol-24; futebol-66; ténis-12) tendo sido utilizado como sistema de observação o “Coaching Behavior Assessment System” (CBAS)

(Smith, Smoll, B. & Hunt, 1977). Os resultados indicaram que cerca de 85% dos comportamentos dos treinadores têm a ver com o conteúdo do treino, como a Instrução (33%), Observação Silenciosa (18%) e o Feedback (30%). A maioria das mensagens são positivas (12%) ou correctivas (12%) (Alves, 1998).

Os treinadores das equipas com mais derrotas ignoram mais frequentemente os erros dos atletas (14,3%) do que os treinadores das equipas vencedoras (12,6%), sendo a única diferença significativa entre os grupos. O mesmo acontece em relação à experiência dos treinadores, em que os menos experientes também ignoram mais frequentemente os erros dos atletas (11,3%) do que os mais experientes (6,4%).

Segrave & Ciancio (1990) citado por Rodrigues (1995) realizaram um estudo com o objectivo de analisar o comportamento de Beau Kilmer, um treinador de sucesso de Futebol Americano para jovens, e comparar o seu perfil comportamental com o de outros dois treinadores já analisados, John Wooden (Tharp & Gallimore, 1976) e Frank Kush (Langsdorf, 1979). Esta pesquisa usou como instrumento de análise o C.B.R.F. (Coaching Behavior Recording Form), tendo sido observadas 20 sessões de treino, correspondendo cinco sessões de cada período da época desportiva.

Os resultados globais apontam para a Instrução como o principal comportamento do treinador (34%), seguindo a Interacção com os Atletas (21%) e dos Elogios (13%). O tipo de interacção é predominantemente positivo, contrariamente ao que foi encontrado nos estudos sobre Wooden e Kush, pois a predominância de comportamento é negativo. Os autores justificam estas diferenças com a idade dos atletas. Em relação ao comportamento do treinador em função do momento da época desportiva, foram detectadas diferenças significativas entre os treinos. Verificou-se que existe ao longo da época uma diminuição da Instrução, Modelação e questionamento, contrariamente aumenta as Interacções e os Outros comportamentos.

Segundo Alves (1998) este estudo abriu uma nova perspectiva de pesquisa que é a de considerar que o comportamento do treinador pode apresentar diferenças em função do momento da época desportiva em que a equipa se encontra, partindo do princípio que esses treinos possuem particularidades específicas que podem tornar o comportamento do treinador diferente.

COMPORTAMENTOS DO TREINADOR DURANTE A ÉPOCA

Esta linha de pesquisa é relativamente recente e têm mostrado a necessidade de especificar ao longo da época qual o principal objectivo dos treinos que estão a ser analisados (Rodrigues, 1995).

O estudo realizado por Alves, Ferreira, Leça-Veiga & Rodrigues (1994) teve por objectivo a caracterização do comportamento do treinador no treino anterior à competição, cujo o objectivo era nitidamente a preparação para a competição que se avizinhava. Foram estudados 6 treinadores de ginástica rítmica durante uma competição. Observaram o treino anterior à apresentação dos atletas. Utilizaram o sistema de observação do treinador (SOTA) (Rodrigues, Rosado, Sarmento, Ferreira & Leça-Veiga, 1993). Os resultados evidenciam uma dominância da categoria observação silenciosa (44% - 57%). Revelou-se também elevado a categoria conversas (7% - 32%). A instrução (3% - 26%) e a correcção (7% - 22%) assumem-se imediatamente como as categorias com mais frequência.

Outro trabalho muito semelhante ao anterior Rodrigues & Ferreira (1995) observaram os treinadores de trampolins, presentes no campeonato do mundo. Registaram-se os treinos anteriores à competição Utilizaram a mesma metodologia que para o estudo anterior. Observaram 9 treinadores de diversos países. Os dados evidenciam diferenças individuais que parecem estar associadas a diferentes estilos de interacção com os atletas. Embora a dominância aponte para as categorias observação (40% a 70%) e correcção (6% - 29%), alguns treinadores utilizam com frequência o questionamento. De salientar é o facto de alguns treinadores gastarem muito tempo em conversas (21% - 34%), perdendo de vista os seus atletas.

Estas pesquisas vêm no sentido da especificação do contexto em que o treinador intervém. Procuraram os diversos autores diferenciar o comportamento dos treinadores em função dos tipos de treino, isto é, dos diferentes momentos da época desportiva, originando treinos com objectivos específicos diferentes (Rodrigues, 1995).

O PERFIL E O COMPORTAMENTO DOS TREINADORES DURANTE O TREINO

Rushall (1973) citado por Rodrigues (1997) realizou um estudo comparativo pioneiro, visando a observação de padrões comportamentais de diversos treinadores e atletas.

Observadores treinados classificaram o comportamento do treinador no DCOS (Dalhousie Coach Observation Schedule) e o comportamento do atleta no DAOS (Dalhousie Athlete Observation Schedule) utilizando o registo de ocorrências dos comportamentos e o tempo gasto em certos episódios.

Definiram-se sete categorias para o comportamento do treinador:

- questionamento;
- informação, explicações e ordens;
- gestão;
- observação e atenção;
- elogios e feedback;
- reprimenda e correcção;
- sem actividade.

Os resultados permitem concluir que os padrões de comportamento não parecem ser consistentes entre os treinadores ou no mesmo treinador em contextos ou dias diferentes.

Este estudo considera um bom leque de categorias comportamentais que caracterizam a actividade do treinador, embora existam ainda alguns aspectos pouco claros na codificação, tais como a actividade motora do treinador e as interações com os diversos intervenientes no processo de treino (Rodrigues, 1997).

Brunelle, Talbot, Tousignant & Berube (1976) citado por Rodrigues (1997) estes autores representaram como objectivo do seu estudo a identificação das técnicas de intervenção pedagógica específicas dos instrutores de hóquei no gelo, de modo a confrontarem a teoria pedagógica com a prática dos treinadores.

Foram observados 48 instrutores em situação de treino.

As principais conclusões evidenciam a importância do incentivo à maximização do esforço dos atletas (pressões), do clima positivo (elogio e afectividade positiva) e da intervenção de feedback com referência ao conteúdo.

A comparação entre treinadores com maior ou menor sucesso é também uma das linhas de investigação utilizadas (Rodrigues, 1997). Mancini & Avery (1980) citado por Rodrigues (1997) revelam que os treinadores mais eficazes utilizam mais frequentemente o elogio e a aceitação verbal e não verbal que os treinadores menos eficazes.

Claxton (1988) citado por Rodrigues (1997) comparou um grupo de 5 treinadores com sucesso com 4 treinadores derrotados. Os observados eram treinadores de ténis no desporto escolar.

Os resultados mostram como única diferença significativa que os treinadores com maior sucesso questionam com mais frequência.

A categoria instrução é mais utilizada (6%) entre as principais funções do treinador.

Por outro lado, gestão (10%), observação silenciosa (22%) e outros comportamentos (43%) representam cerca de 75% do tempo do treinador.

Apresentando pela primeira vez em 1991, no II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, o S.O.T.A. (Sistema de Observação do Treinador e do Atleta) (Sarmiento, Rodrigues, Rosado, Ferreira & Leça-Veiga, 1993) tem-se revelado um instrumento importante para a observação de comportamentos dos treinadores e atletas no contexto desportivo. Este sistema foi aplicado a treinos de voleibol e de natação de alto rendimento, tendo os resultados evidenciado uma dominância dos comportamentos de Observação Silenciosa (58% a 77%). Foi também possível concluir que no voleibol a Instrução (12%) e a Correcção (13%) são mais elevadas do que na natação (5% e 7% respectivamente).

Num outro estudo os autores (Rodrigues, Leça-Veiga, Ferreira, Rosado & Sarmiento, 1992), utilizando o S.O.T.A., observaram o comportamento de treinadores de alto rendimento em diversas modalidades (Voleibol, Ginástica de Trampolins, Natação).

Os treinos de trampolins são os que apresentaram maior incidência nos comportamentos de instrução do treinador (19% - 22%), também evidenciaram um maior tempo gasto em funções de gestão e organização (17% - 21%). Por oposição os treinos de natação e voleibol registam um valor muito elevado de comportamentos de controlo (75% - 63%).

Através desta revisão dos estudos existentes, pode-se ter uma ideia das diferentes perspectivas de abordagem comportamental dos treinadores em treino.

Segundo Rodrigues (1997) esta fase de diversidade de hipóteses e problemas é absolutamente decisiva para a construção de teorias explicativas do comportamento do treinador e das suas funções pedagógicas, no contexto do Treino Desportivo.

METODOLOGIA

Os treinadores correspondem a um conjunto de características importantes para este estudo: Dos 12 treinadores de natação seleccionados, 6 têm que ter mais cinco anos de experiência profissional e outros 6 treinadores com menos cinco anos de experiência profissional.

Perante a dificuldade de ter treinadores disponíveis para este tipo de estudo, não houve nenhum requisito ou característica imposta às equipas. Algumas equipas apresentaram no treino diferentes escalões de idades. O treino das equipas foi da responsabilidade dos treinadores, estes trabalharam em função do momento da época que estavam presentes.

Quando foi feita a recolha de dados a maioria das equipas estavam a trabalhar no período competitivo.

Os treinos tiveram em média uma duração de 90 minutos.

Variáveis Independentes	Variáveis Dependentes
- Experiência profissional dos treinadores.	- Comportamento do treinador.

Figura 1 – Caracterização da amostra

Quanto às variáveis Independentes, verificou-se que os treinadores que fazem parte da amostra são divididos em dois grupos, em função da sua experiência como treinadores. Consideramos que a experiência dos treinadores pode permitir encontrar diferenças no seu comportamento em treino.

Em função dos anos de experiência dos treinadores que fazem parte da nossa amostra, realizamos a seguinte divisão:

- *Treinadores sem experiência:* Todos os treinadores que tenham menos 5 anos de experiência.
- *Treinadores com experiência:* Todos os treinadores com 5 ou mais anos de experiência.

	Com experiência profissional	Com menos experiência profissional	Total
Nº Treinadores	6	6	12
Nº Sessões	6	6	12

Figura 2 – Caracterização das variáveis

O comportamento do treinador releva-se como a variável mais importante no processo pedagógico no treino desportivo. É sobre esta variável que se centra a nossa observação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Abordámos o comportamento dos treinadores em função da experiência profissional desses mesmos. Foram considerados treinadores com mais experiência profissional, aqueles cuja a experiência como treinador é igual ou superior a 5 anos, enquanto que os treinadores com menos experiência profissional apresentaram menos 5 anos de experiência como treinador.

Na análise individual do comportamento dos treinadores, caracterizámos os comportamentos dos treinadores durante as sessões de treinos, isto é, foi feita uma análise dos valores das dimensões e respectivas categorias de cada treinador durante o processo de treino.

Após a análise individual dos diferentes treinadores podemos concluir que a dimensão predominante em todos eles foi a dimensão Controlo, nomeadamente a observação silenciosa com percentagens entre os 46,6% e os 72,9%, ou seja, todos eles dão preferência à observação enquanto os seus atletas realizam as tarefas. A dimensão que se seguiu foi a Instrução, para a maioria dos treinadores, esta é a forma como contactam mais directamente com os seus atletas quer através da categoria Informação como da Demonstração. Em terceiro lugar os treinadores disponibilizaram mais tempo nas suas sessões nas dimensões Interação (2% a 29,3%) e a Organização (2,7% a 6,7%). Por fim as dimensões Actividade com 0% e Outros comportamentos com valores entre 1,1% e os 9,5%.

Os **treinadores com menos experiência profissional** apresentaram os seguintes valores em relação ao seu comportamento durante a sessão de treino.

Categorias	Com menos Experiência	p
	Média \pm Desvio padrao	
Informação	15,6 \pm 4,12	0,24
Correcção	1,8 \pm 1,71	0,45
Avaliação	0,3 \pm 0,27	0,88
Avaliação negativa	0,6 \pm 0,69	0,46
Demonstração	1,6 \pm 1,16	0,08
Questionamento	0,6 \pm 0,05	0,23
Gestão	4,4 \pm 1,15	0,56
Afectividade positiva	0,2 \pm 0,05	0,56
Afectividade negativa	0,5 \pm 0,55	0,18
Pressão	0,3 \pm 0,2	0,23
Conversas	6,5 \pm 4,55	0,56
Observação	57 \pm 3,69	0,38
Atenção int. verbais	5,1 \pm 3,45	0,24
Actividade motora	0 \pm 0	
N. actividade motora	0 \pm 0	
O. comportamentos	5,5 \pm 3,43	0,24

Quadro 3 – Análise descritiva das categorias do comportamento dos treinadores com menos experiência profissional

Tal como já verificámos em estudos anteriores, também os treinadores com menos experiência profissional apresentaram como comportamento dominante a Observação Silenciosa (57%).

Segundo Rodrigues *et al.* (1993) aplicaram o Sistema de Observação do Treinador e do Atleta em treinos de voleibol e de natação de alto rendimento, tendo os resultados evidenciado uma dominância dos comportamentos de Observação Silenciosa (58% a 77%). Os treinadores passam mais de metade do tempo da sessão de treino em observação passiva, sem qualquer interacção com os atletas ou com outros agentes intervenientes no processo de treino.

A Informação (15,6%) foi a principal intervenção do treinador dirigida aos atletas durante o treino, com o objectivo de dar as tarefas a realizar e a corrigir aspectos técnicos de natureza individual ou colectiva. Para complementar a categoria Informação o treinador também utilizou a categoria correcção (1,8%) e a categoria Demonstração (1,6%), esta ultima

foi geralmente utilizada pelo treinador para uma melhor compreensão das tarefas motoras por parte dos atletas e para corrigir os atletas durante a actividade motora destes.

Continuando na dimensão Instrução os comportamentos de Avaliação Negativa (0,6%) predominaram sobre a Avaliação Positiva (0,3%) nos treinadores com menos experiência profissional, o que significou que estes treinadores não ignoraram as acções negativas dos seus atletas.

O valor de 0,6% para a categoria Questionamento confirma o que já foi referido anteriormente, de que esta não foi muito utilizada pelos treinadores com menos experiência profissional.

A categoria Conversas apresentou um valor de 6,5%, este valor acontece porque por vezes os treinadores deixam de ver acções motoras dos seus atletas enquanto estão em conversas com outros agentes do processo de treino.

Outra categoria com um valor relevante foi a categoria Outros Comportamentos (5,5%) este valor deveu-se a momentos em que o treinador saiu da filmagem ou não se encontrava a realizar outra actividade.

Relativamente aos comportamentos de Afectividade, verificamos novamente que o valor referente à Afectividade Negativa (0,5%) foi superior à Afectividade Positiva (0,2%), por vezes este tipo de comportamento nos treinadores com menos experiência profissional acontece, devido ao pouco conhecimento que têm dos seus atletas e da prestação dos mesmos, tornando-se mais negativo perante as situações.

Por fim a categoria Gestão (4,4%), significa que estes treinadores disponibilizaram algum tempo para a manipulação de materiais e organização dos atletas. Os treinadores com menos experiência estão normalmente mais preocupados com o fim e início de tarefas e com as saídas dos atletas durante os exercícios, aumentando assim o valor desta categoria.

A experiência acumulada pelos treinadores ao longo dos anos, poderá ser importante para definição do seu perfil comportamental.

Categorias	Com mais Experiência	P
	Média \pm Desvio padrão	
Informação	12,6 \pm 4,69	0,24
Correcção	1 \pm 0,79	0,45
Avaliação	0,3 \pm 0,16	0,88
Avaliação negativa	0,3 \pm 0,34	0,46
Demonstração	3,4 \pm 1,59	0,08
Questionamento	0,9 \pm 0,74	0,23
Gestão	5,1 \pm 1,72	0,56
Afectividade positiva	0,1 \pm 0,12	0,56
Afectividade negativa	0,1 \pm 0,23	0,18
Pressão	0,6 \pm 0,34	0,23
Conversas	8,6 \pm 13,05	0,56
Observação	60,9 \pm 11,71	0,38
Atenção int. verbais	2,4 \pm 2,15	0,24
Actividade motora	0 \pm 0	
N. actividade motora	0 \pm 0	
O. comportamentos	3,4 \pm 1,6	0,24

Quadro 4 - Análise descritiva das categorias do comportamento dos treinadores com mais experiência profissional

Através do quadro 4 podemos verificar que a categoria Observação foi a principal categoria comportamental. Correspondeu a 60,9% da sessão de treino, o que significou que os treinadores passaram mais de 85% do tempo de treino em comportamentos de Observação ou Instrução aos atletas. Um estudo de Sherman & Hassan (1996), em que a amostra foi constituída por 102 treinadores de 3 modalidades, apresentaram resultados que indicaram que

cerca de 85% dos comportamentos dos treinadores têm a ver com o conteúdo do treino, como a Instrução (33%), Observação Silenciosa (18%). Sendo os restantes 15% do tempo repartidos pelas outras categorias do sistema de observação.

A categoria Informação voltou a predominar com um valor de 12,6%, este grupo de treinadores apoiou a categoria anterior com a categoria Demonstração (3,4%).

Os comportamentos de Avaliação Positiva (0,3%) tiveram igual valor à Avaliação Negativa (0,3%) nos treinadores com mais experiência, o que significou que estes treinadores não só elogiam o comportamento dos atletas como repreendem de igual modo as acções negativas dos mesmos.

A categoria Gestão com 5,1%, relevou que estes treinadores dispensaram algum tempo para a organização dos atletas, principalmente no controlo de tempos de nado durante o de treino.

A categoria Conversa (8,6%) voltou a ter um valor elevado perante as outras categorias.

Quanto análise global dos comportamentos dos mesmos, caracterizámos o comportamento dos treinadores através da média total dos valores que cada treinador obteve em cada uma das dimensões e respectivas categorias.

Os treinadores têm como principal função dirigir a equipa e as sessões de treino, de modo a que os atletas atinjam os objectivos que se propõem alcançar durante a época. Deste modo é de esperar que o comportamento do treinador apresente um “perfil equilibrado”, com a maioria das intervenções dirigidas para os atleta, sendo que pós a análise global dos comportamentos dos treinadores podemos concluir que a dimensão predominante foi a dimensão Controlo, nomeadamente a observação silenciosa com uma percentagem de 58,9%, ou seja, o grupo deu preferência à observação enquanto os seus atletas realizam as tarefas. A dimensão que se seguiu foi a Instrução, para os treinadores, esta foi a forma como contactam mais directamente com os seus atletas quer através da categoria Informação como da Demonstração e correcção.

Apresentando pela primeira vez em 1991, no II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, o S.O.T.A. (Sistema de Observação do Treinador e do Atleta), este sistema foi aplicado a treinos de voleibol e de natação de alto rendimento, tendo os resultados evidenciado uma dominância dos comportamentos de Observação Silenciosa (58% a 77%). Foi também possível concluir que no voleibol a Instrução (12%) e a Correcção (13%) são mais elevadas do que na natação (5% e 7% respectivamente).

Em terceiro lugar o grupo disponibilizou mais tempo nas suas sessões na dimensão Interação 8,5%, principalmente na categoria Conversas com 7,5% . Seguiu-se a dimensão Organização (4,8%) e Outros comportamentos (4,5%) com valores muito próximos. Por fim a dimensão Actividade com 0%.

Após a análise das filmagens de todos os treinadores, a organização dos resultados e a sua apresentação foi realizada em função da sua experiência profissional como treinador de natação.

CONCLUSÕES

Com a análise individual do grupo com menos experiência profissional e do grupo com mais experiência profissional, concluímos que para ambos os grupos a dimensão predominante foi a dimensão Controlo, a categoria que predominou nesta dimensão foi a observação silenciosa. As dimensões que se seguiram foram a Instrução, a interação e a organização, respectivamente, sendo que dentro da dimensão interação a categoria que predominou foi para ambos os grupos a categoria Conversas. O grupo com mais experiência deu mais atenção à dimensão Organização em relação ao grupo com menos experiência, pois este ultimo tem um valor maior para os Outros Comportamentos.

Quanto á comparação dos dois grupos, com menos experiência profissional e do grupo com mais experiência profissional, podemos concluir que para ambos os grupos a dimensão preponderante foi a dimensão Controlo, a categoria que predominou nesta dimensão foi também a observação silenciosa, ainda dentro desta dimensão os treinadores com menos experiência deram mais importância à categoria -Atenção às Intervenções Verbais. A dimensão que se seguiu foi a Instrução, a categoria que predomina para ambos foi a informação, em seguida, o grupo com menos experiência teve como segunda categoria a Correcção e o grupo com mais experiência a categoria Demonstração. Em terceiro lugar os grupos disponibilizaram

mais tempo nas suas sessões na dimensão Interação, a categoria que predominou nesta dimensão foi para ambos os grupos a categoria Conversas. Seguiu-se a dimensão Organização para o grupo com mais experiência e Outros comportamentos para o grupo com menos experiência.

Como conclusão geral do estudo, poderemos referir que o comportamento do treinador de natação, no que respeita às suas principais funções pedagógicas (instrução, organização, interação controlo), observadas em situações de treino, não são significativamente diferente em função da influência da experiência dos treinadores. Pelo que podemos observar que ambos os grupos distribuíram o tempo da sessão quase sempre pelas mesmas dimensões. Poderemos considerar no entanto, que o grupo de treinadores com mais experiência deu mais atenção à dimensão Organização em relação ao grupo de treinadores com menos experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, R., & Rodrigues, J. (2000). "Os treinadores de Jovens em Competição". Treino Desportivo, 9, Janeiro 2000, (pp.2-10).

Alves, R. (1998). *Análise das expectativas e do comportamento do treinador em competição. Estudo comparativo do treinador de jovens em Andebol, em função da experiência, do sucesso na competição e do escalão etário dos atletas*. Tese de Mestrado não publicada, UTL-FMH, Lisboa.

Araújo, J. (1997). "A atitude profissional do treinador". Treino Desportivo, nº1, Novembro, 3-10.

Ferreira, A. (1994). "O comportamento do treinador no treino e na competição". Horizonte, 11, 62, 61-65.

Ferreira, V. & Rodrigues, J. (1997). *O Perfil Comportamental de Diferentes Treinadores de Ginástica de Trampolins*. Pedagogia do Desporto. Estudos 5, 91-100. Lisboa: FMH-UTL.

Gonçalves, C. (1987). "Formação do treinador no âmbito da Pedagogia do Desporto", Horizonte, 4, 20, 63-69.

Guilherme, J., Pinto, & Barreiros, J. (1999). *Observação de Comportamentos: Uma Síntese Metodológica*. Pedagogia do Desporto. Estudos 6, 77-100. Lisboa: FMH-UTL.

Martins, L. (1990). "A intervenção do treinador". Treino Desportivo, 17, 28-32.

Pereira, A., Sarmiento, P. & Colaço, C. (1997). *A Relação Treinador-Atleta. "Estudo dos Comportamentos de Entusiasmo em Voleibol"*. Pedagogia do Desporto. Estudos 5, 51-70. Lisboa: FMH-UTL.

Pina, R., & Rodrigues, J. (1997). *Análise do comportamento do treinador em competição. Estudo dos episódios de informação em voleibol*. Pedagogia do Desporto. Estudos 5, 71-89. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J. (1995). *O comportamento do treinador. Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol*. Tese de Doutoramento não publicada, UTL-FMH, Lisboa.

Rodrigues, J., Rosado, A., Sarmiento, P., Ferreira, V. & Leça-Veiga, A. (1997). "O sistema de observação do treinador e do atleta (SOTA). Estudo ilustrativo em Natação e Voleibol". Pedagogia do Desporto. Estudos 1-2-3, 11-23. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J. (1997). *A Supervisão Pedagógica...Da Teoria À Prática*. Pedagogia do Desporto. Estudos 1-2-3, 35-42. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J. & Pina, R. (1999). *Análise da instrução na competição em voleibol*. Pedagogia do Desporto. Estudos 6, 45-53. Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J., Sarmiento, P., Rosado, A., Leça-Veiga, A., Ferreira, V. & Moreira, L. (1999). *Quadro conceptual da investigação pedagógica em desporto*. Pedagogia do Desporto. Estudos 6, 101-117. Lisboa: FMH-UTL.

Rosado, a., Pereira, A., Fernandes, A. & Martins, C. (1997). *Observação do Comportamento do Professor. "Comparação de Dois Grupos de Professores com Especializações Profissionais Diferenciadas no Ensino do Atletismo"*. Pedagogia do Desporto. Estudos 1-2-3, 43-56. Lisboa: FMH-UTL.

Sarmiento, P., et al (1993). *Análise do comportamento do treinador*. Ludens, 13, 1, 20-23.

Sarmiento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J. & Ferreira, V. (1998). *Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. Pedagogia do Desporto. Lisboa: FMH-UTL.

Santos, A. (2003). *Análise da instrução na competição em futebol. Estudos das expectativas e do comportamento de treinadores da 2ª Divisão B, na prelecção de preparação e na competição*. Tese de Mestrado não publicada, UTL-FMH, Lisboa.

Simão, J. (1998). *A formação do treinador. Análise das representações dos treinadores em relação à sua própria formação*. Tese de Mestrado não publicada, UTL-FMH, Lisboa.